

O expressionismo na poesia de Augusto dos Anjos

Henrique Duarte Neto

Mestrando em Teoria Literária — UFSC

O objetivo principal deste ensaio é explorar alguns aspectos da poesia de Augusto dos Anjos que o aproximam do movimento expressionista. Para atingir este intento divido o texto em dois momentos, o primeiro de caracterização do Expressionismo e o segundo em que procuro encontrar pontos de convergência entre o poeta do *Eu* e a estética deste movimento.

De antemão, é bom que se ressalte, a relação entre a obra de Augusto dos Anjos e o Expressionismo já foi manifestada por críticos literários como Anatol Rosenfeld¹, Alfredo Bosi e Massaud Moisés. A partir desta ressalva, quero dizer que este trabalho não se caracteriza pelo ineditismo temático, mas quiçá por um enfoque original.

O Expressionismo é, com certeza, de todos os movimentos de vanguarda do século 20, o de mais difícil caracterização. Isto se deve, em grande parte, ao seu caráter

fragmentário, ou seja, à ausência de uma estrutura homogênea. R. S. Furness corrobora com esta visão ao dizer que o Expressionismo: “de todos os ‘ismos’ da literatura e da arte, parece ser o de definição mais difícil”.²

É interessante observar que o Expressionismo parece possuir antecedentes longínquos, como aparece evidenciado nesta asserção do esteta Norbert Lynton:

A arte de Dürer, Altdorfer, Bosch e outros, às vésperas da Reforma, é marcada por qualidades expressionistas e, sobretudo, por uma ansiedade apocalíptica que seduz fortemente o nosso século. Grünewald, contemporâneo desses artistas e autor do famoso retábulo de Isenheim (cerca de 1515), inspirou admiração e imitação direta em nosso tempo. Um livro, publicado em Munique em 1918, recuou ainda mais no tempo, oferecendo iluminuras dos séculos VIII ao XV como exemplos para os modernos expressionistas e seu público; traduzido, o título desse livro é *Miniaturas expressionistas da Idade Média alemã*.³

Já, remontando a épocas mais recentes (final do século 19), Roger Cardinal nos fornece uma vasta lista de precursores nos mais diversos campos artísticos, dos quais destaco: Van Gogh, Munch e Gauguin na pintura; Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Fyodor Dostoiévsky e Arthur Rimbaud na filosofia e na literatura; August Strindberg na dramaturgia; Isadora Duncan na dança e Gustav Mahler e Richard Strauss na música. Esta divisão feita por Cardinal procura abranger os individualistas que de alguma forma deixaram marcas no ideário expressionista.

O Expressionismo na Alemanha teve duração de cerca de trinta anos. Tendo surgido a partir de 1905 com o grupo *Die Brücke* (A Ponte), estendeu-se até a consolidação do regime nazista (1933). Dos artistas expressionistas alemães desta época podemos citar entre outros: na pintura, Emil Nolde, Vassily Kandinsky, Franz Marc, Oskar Kokoschka, Egon Schiele; na literatura, Georg Heym, Georg Trakl, Gottfried Benn, Jakob van Hoddis, Franz Kafka; na música, Arnold Schönberg, Anton von Webern, Alban Berg.

Como já indiquei é difícil caracterizar o Expressionismo devido ao seu caráter multifacetado e também aos seus antecedentes históricos, que o tornam um movimento de certa forma híbrido, sem unidade. Para compreendê-lo faz-se mister captar sua motivação, apreender o que impulsionou e impeliu seus expoentes, o que procurou fazer R. S. Furness: “A alma sob tensões, torturada e queimando em terrível incandescência — a essa preocupação se pode chamar expressionista.”⁴ Mais adiante este mesmo crítico nos diz que no Expressionismo há “uma predileção pelo êxtase e pela desesperança e, por conseguinte, uma tendência ao inflado e ao grotesco.”⁵ A partir destes dois excertos podemos perceber que o ideário expressionista está em sintonia com as sensações de desconforto e ansiedade, com estados de tensão, com a “alma torturada”.

O Expressionismo pode ser caracterizado como possuindo uma tendência em ver a realidade de maneira lúgubre e sombria, ou seja, de maneira pessimista. Isto se deve porque, como já apontei, o desconforto e ansiedade são tônicas constantes. Desconforto porque o homem torna-se cômico de sua precariedade. Ansiedade porque busca incessantemente transcender esta precariedade.

Portanto, se a precariedade da existência é enfocada com

insistência pelo Expressionismo, nada mais lógico que a morte seja um tema recorrente, como aparece evidenciado por Roger Cardinal:

A morte é um tema comum no delírio expressionista, no qual surge a descrição antilírica que Georg Heym faz da Ofélia afogada, 'uma ninhada de ratões-d'água se alojam em seus cabelos' ou na descrição macabra da dissecação de cadáveres nos poemas-necrotérios de Benn; ou, ainda, nas inúmeras cenas de leitos de morte retratadas por Munch e Kollwitz.⁶

Veremos mais à frente que a morte é um tema assaz presente na poesia de Augusto dos Anjos, aparecendo caracterizada de forma tão ou ainda mais dura, crua e grotesca do que nos autores acima citados.

Uma característica marcante do Expressionismo é a prioridade que dá às emoções, aos impulsos instintivos, fazendo de certa forma uma apologia do irracionalismo. O artista expressionista busca transmitir um sentimento espontâneo em sua obra, procura ex-primir algo interior, procura que a manifestação de sua subjetividade marque o espectador da mesma forma que o marcou.

Disse acima que o Expressionismo caracterizar-se-ia por um certo irracionalismo; contudo, este não deve ser entendido como sinônimo de algo irrefletido. Como busquei mostrar, o artista expressionista sempre procura atingir um público, porém não de forma que este público seja atingido de maneira meramente passiva, meramente contemplativa, mas sim que seja alguém que experimente as mesmas emoções desse artista. Disse certa vez Arnold Schönberg: "Uma obra de arte não pode atingir efeito superior senão o de transmitir ao espectador

as emoções que assaltaram o criador, de forma a fazer com que aquele seja tomado, invadido por essas mesmas emoções.”⁷ Assim, deve-se notar um “vínculo existencial ou indicador entre o signo expressivo (a obra) e o agente expressador (o artista)”⁸, sendo o espectador não só um decodificador da obra, mas também um re-criador. Portanto, o artista expressionista não é um solipsista. Ele parte da introspecção, da subjetividade, de uma base puramente individual; contudo, busca sempre a ressonância de sua obra, procura a inter-ação do público.

Em seu livro que versa especialmente sobre o Expressionismo, Roger Cardinal assim nos fala acerca da poesia expressionista: “Em suas últimas conseqüências, o poema expressionista não aspira à condição de música, mas à condição da mais veemente das expressões orais: o grito.”⁹ Na poesia de Augusto dos Anjos penso que se há uma intenção musical, esta possui uma sonoridade dissonante. No seu soneto *Homo infimus*, ele grita de forma veemente, como se buscasse atingir toda a humanidade, deixando explícito o seu pessimismo em relação à espécie humana:

Homem, carne sem luz, criatura cega,
Realidade geográfica infeliz,
O Universo calado te renega
E a tua própria boca te maldiz!

O nômeneo e o fenômeno, o alfa e o omega
Amarguram-te. Hebdômadas hostis
Passam... Teu coração se desagrega,
Sangram-te os olhos, e, entretanto, ris!

Fruto injustificável dentre os frutos,
Montão de estercorária argila preta,
Excrescência de terra singular,

Deixa a tua alegria aos seres brutos,
Porque, na superfície do planeta,
Tu só tens um direito: — o de chorar!¹⁰

Este mesmo pessimismo em relação à existência humana perpassa também a obra de Arthur Schopenhauer, considerado um dos precursores do Expressionismo. Em ambos a morte, a angústia e a dor são temas que aparecem freqüentemente, sendo que o homem é visto como um ser desamparado e desgraçado. Em Schopenhauer esta condição é verossímil quando nos diz: “Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra.”¹¹ Ou ainda: “Se um Deus fez este mundo, eu não gostaria de ser esse Deus: a miséria do mundo esfacelar-me-ia o coração.”¹² Portanto em ambos, o mundo é o palco onde incessantemente os homens representam sua dolorosa tragédia, sendo que no caso de Augusto dos Anjos acrescenta-se a esta tragédia uma pitada de humor negro, de gosto em retratar o mórbido, o grotesco, o esdrúxulo, enfim, o bizarro.

Na verdade, igual a Georg Heym, Augusto dos Anjos é um poeta geralmente antilírico. Neste ponto, embora enfoque os mesmos temas, afasta-se de Georg Trakl. Vejamos o poema *De profundis* do alemão:

Há um campo de restolho, sob chuva negra.
Há uma árvore castanha, que se ergue solitária.
Há um vento sibilante, que ronda cabanas desertas.
Que triste entardecer.

Passando pela aldeia

a órfã suave inda recolhe as espigas escassas.
Seus olhos redondos e áureos pascem no
crepúsculo.
E o seu seio aguarda o noivo celestial.

Ao regressar à casa
pastores encontram o doce corpo
apodrecido no espinheiro.

Sou uma sombra de aldeias distantes.
Bebi na fonte do bosque
o silêncio de Deus.

Sobre minha testa cai o frio metal.
Aranhas buscam meu coração.
Há uma luz que se apaga em minha boca.

De noite encontrei-me numa chameca
cheia de lixo e poeira de estrelas.
Na avelaneira
ressoavam de novo anjos de cristal.¹³

Vê-se que através da sua forma ímpar de criar imagens, Trakl apresenta um ambiente onde imperam a dor, a angústia, a morte e também a decomposição e a podridão. São os mesmos temas augustianos. Contudo, Trakl emprega termos líricos raramente utilizados no léxico do poeta brasileiro. Quando fala do corpo apodrecido da órfã, emprega o adjetivo doce, o que sem dúvida torna lírica e cheia de ternura a visão da decomposição, do apodrecimento do corpo. Augusto dos Anjos, ao contrário, mesmo no soneto ao seu filho natimorto é de uma crueza, de um antilirismo extremado, como no primeiro terceto deste soneto:

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!¹⁴

O poder de choque aqui é gigantesco, evocando imagens do mais puro horror, que de forma alguma são atenuadas, mas sim acentuadas por uma única palavra: “feder”.

Assim, versando sobre os mesmos temas expressionistas, Trakl e Augusto dos Anjos os enfocam de maneira muito diferente. O primeiro é elegíaco, o segundo é, como ele próprio se definiu: “o poeta do hediondo”. Enquanto aquele lembra de certa forma a atmosfera de ternura e piedade em relação aos desafortunados, contida na ópera *Wozzeck* de Alban Berg, este é inclemente e duro, lembrando o *Pierrot Lunaire* de Schönberg, onde se canta a tragédia humana com uma ponta de sarcasmo.

Possui, com certeza, maior proximidade, maior afinidade na maneira de focar certos temas em relação a Augusto dos Anjos, outro poeta expressionista alemão, Gottfried Benn. É interessante, neste ponto, apresentar a caracterização que Otto Maria Carpeaux faz deste poeta alemão: “A mentalidade de Benn é especificamente científica e sua especialidade científica é a Biologia. A criatura humana, para Benn, é um pedaço complexo de ossos, vasos, músculos e nervos, de funcionamento precário.”¹⁵ A precariedade da existência é, como já foi dito, um tema deveras presente no ideário expressionista. Esta precariedade está assim posta por Benn no poema *Homem e mulher passam pelo pavilhão de cancerosos*:

O homem:
A fila aqui são ventres podres

e aquela, peitos podres. Cama fede junto
a cama. As enfermeiras trocam de hora em
hora.

Vem, ergue devagar esta coberta.
Olha: esta massa gorda com humores podres
já foi querida outrora por um homem,
era seu êxtase e seu lar.

Vêm, olha as chagas neste peito. Notas
o rosário de nós pequenos, moles?
Apalpa. A carne é mole e nada sente.

Esta outra sangra como que de trinta corpos.
Ninguém tem tanto sangue.
Tiveram que cortar,
daquele corpo canceroso uma criança.

Que durmam. Dia e noite. — Diz-se aos
novos:
o sono aqui faz bem. — Mas aos domingos
deixam-nos acordar, para as visitas.

Comem um pouco. Suas costas cobrem-se
de chagas. Olha as moscas. A enfermeira,
às vezes, lava-os. Como se lavasse um
banco.

A cova aqui já ronda cada cama.
A carne desce à lama. A chama some.
A seiva se derrama. A terra chama.¹⁶

As descrições feitas por Benn são de extremado horror.
É poesia onde impera o flagelo humano, a sordidez, a doença

e a decomposição da carne, sendo tudo isto posto de forma crua e chocante. Neste fragmento do poema *A bela juventude*, o poeta-médico alemão apresenta a seguinte visão terrificante:

A boca da moça que longo tempo jazera em
meio aos juncos
estava toda roída.

Quando lhe abriram o peito, o esôfago era
só buracos.

Acabaram achando numa arcada abaixo do
diafragma
um ninho de ratos.¹⁷

Augusto dos Anjos não fica atrás e, por exemplo, neste excerto do poema *Os doentes* descreve prostitutas atingidas por terríveis moléstias:

Mas, para além, entre oscilantes chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!¹⁸

O universo da poesia de Benn e Augusto dos Anjos é muito parecido. Nele canta-se a ruína dos seres, a doença, o sofrimento, a podridão, o malogro da vida e o perene triunfo da morte. É um universo povoado de imagens sinistras, monstruosas.

O gosto, no caso específico do poeta do *Eu*, em evocar imagens lúgubres evidencia-se pelas várias passagens em que ele retrata o grotesco, o hediondo, o macabro. Assim é, por exemplo, fortemente bizarro este primeiro quarteto do soneto *Solilóquio de um visionário*:

Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!¹⁹

Aqui a exploração do incoerente e da metáfora grotesca mostram-se presentes de forma assaz intensa, sendo que o tema da autofagia está carregado, sem dúvida, de emoções que têm o intuito de chocar imediatamente, o que constitui um princípio básico da estética expressionista.

Talvez, de todas as imagens poéticas de Augusto dos Anjos, a do verme seja a mais feliz. Símbolo do expirar da vida, da podridão, da putrefação, da decomposição, o verme aparece de forma obsessiva na sua poesia. Vejamos, por exemplo, a parte final do soneto *Psicologia de um vencido*:

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!²⁰

O verme é aqui visto como o arqui-rival da vida, como o símbolo da inevitabilidade da morte e da destruição de todas

as coisas. Ele representa a efemeridade dos entes, a decadência de tudo o que é material.

A imagem do verme possui uma importância tal na sua poesia, que Augusto dos Anjos chega a chamá-lo de Deus. Cito aqui todo o soneto *O Deus-Verme*:

Fator universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme — é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!²¹

Estando “Livre das roupas do antropomorfismo” e sendo “Fator universal do transformismo”, o verme representa na poética augustiana a precariedade da existência humana, representa o caráter passageiro e efêmero desta existência. É por simbolizar a infalibilidade da morte que o verme é retratado como divindade.

Sem dúvida, por possuir este caráter infalível, a idéia da morte muitas vezes engendra os sentimentos de angústia e de

inconformismo. Augusto dos Anjos traduz estes sentimentos em relação à morte, condenando-a neste fragmento do gigantesco poema *As cismas do destino*:

Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!²²

Dentro do ideário expressionista, como também aqui na poesia augustiana, o tema da finitude e da precariedade humana ganham contornos extremamente dramáticos, representando o aspecto trágico por excelência da condição humana.

Ressaltei anteriormente que o Expressionismo caracteriza-se pela ênfase à criação individual; contudo, o artista expressionista sempre procura a ressonância no público, em outros termos, procura o compartilhamento de emoções. É precisamente este um aspecto que pode ser observado na poesia de Augusto dos Anjos. O que caracteriza de forma mais marcante a obra deste é o seu aspecto individual, não sendo mera coincidência que seu livro tenha sido intitulado com este monossílabo tão enfático: *Eu*. Porém, este *Eu* vai além da mera expressão de uma individualidade, pois Augusto dos Anjos busca atingir toda a humanidade. Daí sua obra chegar até nós de forma quente, quentíssima. Sem dúvida, cabe muito bem à sua poesia o seguinte lema expressionista: “Emoções intensas expressas intensamente.”²³

NOTAS

1. Cf. meu "A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos". *Anuário de Literatura*, n.º 5. Florianópolis: UFSC, 19998. pp. 225-240, onde aponto a relação que Anatol Rosenfeld faz entre Augusto dos Anjos e alguns poetas expressionistas alemães, em especial com Gottfried Benn.
2. R. S. Furness. *Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 7.
3. Norbert Lynton. "Expressionismo". In: Nikos Stangos (org.). *Conceitos da arte moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 24-25.
4. R. S. Furness, op. cit., p. 18.
5. Idem, p. 35.
6. Roger Cardinal. *O expressionismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 43.
7. Citado por R. Cardinal, op. cit., p. 28.
8. R. Cardinal, op. cit., p. 31.
9. Idem, p. 33.
10. Augusto dos Anjos. *Obra completa*. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 332.
11. Arthur Schopenhauer. *Dores do mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 21.
12. Idem, p. 41.
13. Georg Trakl e Rainer Maria Rilke. *Poemas à noite*. (edição bilíngüe). Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 25.
14. A. Anjos, op. cit., p. 207.
15. Otto Maria Carpeaux. *A literatura alemã*. 2ª ed. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. pp. 249-50.
16. Nelson Ascher. *Poesia Alheia: 124 poemas traduzidos* (edição bilíngüe). Rio de Janeiro: Imago. pp. 279 e 281.
17. José Paulo Paes. *Gaveta de tradutor: versões de poesia* (edição bilíngüe). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 93.
18. A. Anjos, op. cit., p. 243.
19. Idem, p. 232.
20. Idem, p. 203.
21. Idem, p. 209.
22. Idem, p. 218.
23. R. Cardinal, op. cit., p. 26.